



EPIFÂNIO DA FRANCA

prémio UC em 2008, em entrevista

João Mesquita

"O importante é o conhecimento, não é o diploma".

A palavra que mais emprega, em mais de hora e meia de entrevista, talvez seja "competitividade". O académico e empresário José Epifânio da Franca, prémio Universidade de Coimbra (UC) em 2008, está nitidamente apostado em demonstrar que, sem se estar preparado para a enfrentar, é impossível vencer o combate do desenvolvimento. Nem sequer a luta pelo emprego.

É inevitável começar por aqui: que significado atribui à concessão do prémio Universidade de Coimbra 2008?

É uma pergunta difícil. A verdade é que foi uma enorme surpresa, tanto mais que o prémio nunca tinha sido atribuído a gente da área da tecnologia. Mas é claro que foi uma grande honra. Espero, agora, merecer a confiança das pessoas que mo atribuíram.

Porquê tanta surpresa?

Em primeiro lugar, porque há pessoas que fizeram tanto ou mais do que eu e que, portanto, mereciam tanto ou mais do que eu este prémio. Por outro lado, quem está na vida e trabalha, como eu, sem nunca pensar nisso, receber um prémio é sempre uma grande surpresa.

Tem, ou teve, alguma ligação à UC?

Nunca. O único contacto foi aqui há uns anos, quando fiz parte da comissão de avaliação das universidades e, em consequência, tive possibilidade de avaliar alguns cursos da Universidade de Coimbra. Já nem me lembro bem quando foi. Talvez há uns seis, sete anos... De resto, só contactos informais — e não muito regulares — com colegas.

A propósito: a UC torna a ser muito discutida. Mesmo no seu interior, há quem ache que ela perdeu influência, que se regionalizou, que forma demasiada gente para o desemprego... Para o sr., que está de fora, alguma, ou algumas, destas observações faz sentido?

Vamos aos factos. A UC, com os seus 718 anos, é a mais antiga universidade do país e a segunda mais antiga da Europa. O que, sendo notícia em si mesmo, e atribuindo à instituição um papel insubstituível, levanta questões. Hoje, os centros de saber tendem a disseminar-se. O que cria novas condições de competitividade. O simples facto de se deixar de ser único representa sempre uma perda de influência. Mas isso não tira importância à instituição. Num mundo aberto e exigente como o nosso, obriga é a ter a coragem de competir. Não penso que o caso da UC seja diferente do de outras universidades. O importante é que ela não se deixe fechar. A forma de enfrentar os desafios de hoje, pelo contrário, passa por nos abirmos e continuar a lutar pela liderança.

E como olha para o conjunto do ensino universitário em Portugal?

Com alguma preocupação. Olhando para os factos, os indicadores mostram que a universidade portuguesa tem grandes desafios pela frente, nomeadamente o da resolução do problema da falta de emprego para os licenciados, resultante de um desfasamento entre a procura e as necessidades do tecido económico. Há que reflectir sobre isto, tanto mais que a situação parece um absurdo, num mundo em que é cada vez mais necessário o emprego qualificado.

Quem são os responsáveis?

Tradicionalmente, a Universidade tem tido um valor cultural e social importante. Mas não tem, ainda, uma proposta económica. Hoje, a educação é uma ferramenta e não um meio de promoção social, como era no passado. Ora, muito do desemprego resulta de ainda haver muitos jovens que vão à procura de reconhecimento, sem cuidarem de saber se vão ter emprego. É um bocado a lei da oferta e da procura. A responsabilidade é de todos: dos governantes, das famílias, dos estudantes...

E como se sai disto?

Eu acredito que, actualmente, há uma área fundamental para a modernização do país: a da tecnologia. Mas é claro que isso implica saber. As vocações descobrem-se na escola, onde tem de começar todo o trabalho. E duas das componentes essenciais são a Matemática e a Física. Tudo o que tem a ver com a Educação demora gerações. Mas tem de ser feito!

O que pensa do chamado "Processo de Bolonha" e do novo Regime Jurídico do Ensino Superior (RJES)?

Compreendo os objectivos de Bolonha: uniformizar e acelerar a formação de quadros qualificados de que a Europa precisa. Pelo menos no domínio das intenções, parece-me positivo, se aceitarmos — como eu aceito — que é necessário, simultaneamente,

ter gente mais jovem no mercado de trabalho e um nível de conhecimento maior do que o dado pela licenciatura. O RJES não conheço. As universidades acusam-no de não ser claro e poucas aceitaram trabalhar com esse regime. Não quero julgar o que elas decidiram. Se calhar, têm razão. Mas também tem que haver a coragem de enfrentar o desafio da mudança e isso leva-nos, às vezes, a ter de trabalhar com o desconhecido.

Conhece bem o ministro Mariano Gago...

Conheço (somos da mesma Escola — o Instituto Superior Técnico) e tenho por ele um grande apreço. Não sei julgá-lo. Mas penso que reconhece a necessidade de mudar e julgo que tem trabalhado com as universidades. Há um conjunto de iniciativas com sentido, como o programa de cooperação com as universidades norte-americanas. De todo o modo, há que dar tempo ao tempo, até para ver o impacto das medidas.

O sr. também chegou a ser governante (secretário de Estado dos Recursos Educativos), mas não se demorou muito tempo no Executivo...

Seis meses. Integrei a equipa de Diamantino Durão, era primeiro-ministro Cavaco Silva. Procurámos introduzir algumas reformas, em nome da ideia de que o ensino público tem de ter alguma participação material dos cidadãos. Assim surgiram a primeira proposta de aumento das propinas e a chamada PGA (Prova Geral de Acesso). Mas isso levou a uma contestação fortíssima dos estudantes, a um descontentamento e a um desconforto muito grandes.

Desconforto, também, da parte do primeiro-ministro?

Isso não sei.

Em Março de 1997, fundou a Chipidea, empresa que trabalha na área dos circuitos analógico-digitais.

Independentemente dos resultados da empresa e de o sr. manter a sua ligação ao mundo académico, o que o levou enveredar, paralelamente, pela vida empresarial?

Boa pergunta. Para falar verdade, foi um compromisso moral com os meus alunos (no Instituto Superior Técnico). Mais uma vez o digo: o importante é o conhecimento, não é o diploma. Ora, nós sentíamos que o nosso conhecimento não era utilizado pelo tecido empresarial português. Ainda me vali de alguns contactos lá fora para encontrar algumas oportunidades de emprego para recém-licenciados. Mas isso também não me satisfazia, porque Portugal não recolhia quaisquer benefícios daí. Então, numa segunda fase, tentei convencer empresas que já trabalhavam connosco, na Universidade, a criar um centro de engenharia. Esteve quase, mas... Então, fizemos nós. Ser empresário, foi a solução que eu e mais dois colegas, com um capital de 2 500 contos, encontrámos para dar uma saída profissional aos nossos alunos.

No primeiro ano, trabalhando com empresas que já conhecíamos, facturámos logo 120 mil contos. No segundo, o dobro.

O facto de os resultados serem tão bons, não os impediu de, no ano passado, terem vendido a empresa a uma multinacional norte-americana...

A partir de 2001 que a Chipidea se começou a abrir a outros investidores, o que lhe permitiu perfazer um capital de três milhões de euros para abrir cinco centros de engenharia fora de Lisboa. Em 2005, abrimos a investidores internacionais, para conseguir novo aumento de capital. E em 2007 surgiu, realmente, essa boa oportunidade de negócio que foi a venda à norte-americana MIPS, cotada na bolsa dos Estados Unidos. Mas só o fizemos com a garantia de que haveria retorno, de que o projecto da Chipidea se mantinha integralmente e de que os postos de trabalho, não só eram conservados, como até aumentariam. De então para cá, foram recrutadas 70 pessoas.

Hoje, sente-se mais um empresário ou um académico?

A Chipidea tem sido uma missão, que um dia espero ver concluída. Olhe, fizemos regressar a Portugal 12 investigadores que estavam lá fora. Académico, tenciono sê-lo até ao fim da vida.

QUEM É O PREMIADO

José Epifânio da Franca nasceu em Lisboa, a 2 de Janeiro de 1955. Boa parte da adolescência passou-a, porém, em São Tomé e Príncipe, onde os pais tinham uma farmácia. Na capital portuguesa, só fez a quarta classe e os antigos segundo e sétimo ano do liceu — nestes dois últimos casos, no Camões. Razões de saúde obrigaram-no a instalar-se na casa lisboeta de uns avós. Em 1978, licencia-se em Engenharia Electrotécnica pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa (IST). Depois, doutora-se pelo Imperial College of Science de Londres. Actualmente, é professor convidado do IST e professor adjunto da universidade chinesa de Hong-Kong. Actividades — esta última de carácter mais simbólico — que acumula, a partir de 1977, com a direcção da Chipidea, uma empresa tecnológica da área dos circuitos e dos sistemas.

Hoje, a firma emprega 350 pessoas e possui centros em seis locais diferentes: Lisboa, Porto/Maia, Caen (França), Gdansk (Polónia), Leuven (Bélgica), Macau e Suzhou (China). Entre 2000 e 2007 foi considerada uma das 500 empresas europeias com melhores indicadores de desenvolvimento de negócio e de criação de emprego.

O ano passado, foi comprada pela norte-americana MIPS Technologies por cerca de 107 milhões de euros, tornando-se a maior firma mundial de concepção de semicondutores.

Entre 1991 e 1992, com Cavaco Silva como primeiro-ministro, foi secretário de Estado dos Recursos Educativos. Em 2006 tornou-se doutor "Honoris Causa" pela Universidade de Macau e foi distinguido, pelo Presidente Jorge Sampaio, com o grau de

Grande Oficial da Ordem de Mérito. A 1 de Março de 2008, durante a sessão comemorativa do 718.º aniversário da Universidade de Coimbra, recebeu o mais alto prémio da instituição, no valor de 25 mil euros.

O júri era presidido pelo reitor Seabra Santos, integrando ainda António Monteiro e José Leite Pereira (em nome das empresas que patrocinam o prémio), Abílio Hernandez, Armando Porto, Dias Figueiredo, António Pinho Vargas, Carlos Fortuna, Rui Vilar, Bianchi de Aguiar, Maria João Seixas e Paula Moura Pinheiro.

Casado com uma médica neuroradiologista há 22 anos, Epifânio da Franca não tem filhos, por opção do casal. O que lhe permite, mesmo não fazendo mais do que duas semanas de férias, exercitar, com mais facilidade, o “hobby” preferido: viajar. “Quando era novo, praticava todo o tipo de desporto, costumando dizer que a parte da frente do meu coração era do Benfica e a de trás da Académica. Hoje, só vejo um jogo ou outro na televisão. Nem o Euro-2006 acompanhei...”.

Universidade de Coimbra

www.uc.pt